

CCB

Cidade
Aberta /



A Paixão

Romeo Castellucci

Coro e Orquestra Gulbenkian

A Paixão

Romeo Castellucci

Coro e Orquestra Gulbenkian

Romeo Castellucci conceção, cenografia, figurinos

Silvia Costa colaboração artística

Piersandra Di Matteo dramaturgia

Maroussia Vaes colaboração cenográfica

Maxi Menja Lehmann pesquisa e adereços

Inês Correia e **Tânia Afonso** pesquisa e adereços em Portugal

Plastikart Studio (Istvan Zimmermann e Giovanna Amoroso),

Blue, Cypress Cook e Júlio Alves execução de adereços

Coro Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Michel Corboz maestro

Ana Quintans soprano

Marianne Beate Kielland meio-soprano

Marco Alves dos Santos tenor ÁRIAS

Benedikt Kristjánsson tenor EVANGELISTA

André Baleiro baixo CRISTO

Edwin Crossley-Mercer baixo-barítono PILATOS

Matthias Spaeter alaúde

Marcelo Giannini órgão

16 e 17 abril 2019

CCB . Grande Auditório / 20h / M/12

Duração aproximada: 3h

Coprodução CCB/Fundação Calouste Gulbenkian

AGRADECIMENTOS

Professor Doutor Alexandre Quintas / Associação Florestal da Estremadura e Ribatejo – D. Cidália
Associação Nacional de Amputados – Paula Leite / Basílica dos Mártires – Cónego Armando Duarte
Carlota Veiga de Macedo (mãe Clarisse) / Casa do Marquês / CEDOC – Ana Tavares / CLECE
CNB – Companhia Nacional de Bailado / Cooperativa A Torre – Fátima Tavares / Cristina Leite (doula)
Escola Superior de Saúde de Leiria – Maria Guarino / Federação Portuguesa de Lutas Amadoras
– Luís Fontes / Hospital CUF INFANTE SANTO – Enfermeira Sónia Santos / Instituto Nacional de Medicina
Legal e Ciências Forenses / Isidoro Duarte – Isidoro Duarte Pereira / MARCAMP / Mariana Costa (mãe Eva)
Miguel Leal Coelho / Museu Nacional de Arqueologia – Dr. António Carvalho / Professora Doutora
Nathalie Antunes Ferreira / Paula Marinho / Pedro Mota / Polícia Municipal de Lisboa / Sonangil
Teatro Nacional de São Carlos

FOTOGRAFIA DA CAPA © GUIDO MENCARI

FICHA CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ELÍCIO SUMMAVILLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / MIGUEL HONRADO VOGAL
ASSESSOR DO PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E ASSESSOR JURÍDICO JOÃO CARÉ / SECRETARIADO LUÍSA INÊS FERNANDES / RICARDO CERQUEIRA

DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS DIRETORA PAULA FONSECA / ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO E PROGRAMAÇÃO TÂNIA AFONSO / PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CUNHA LEAL / FERNANDO LUÍS SAMPAIO / DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES: PRODUÇÃO
INÊS CORREIA / PATRÍCIA SILVA / HUGO CORTÊZ / JOÃO LEMOS / VERA ROSA / DIREÇÃO DE CENA JOSÉ VALÉRIO / MARGARIDA SERRÃO / SOFIA SANTOS / CATARINA SILVA / PEDRO RODRIGUES / FRANCISCA RODRIGUES / SECRETARIADO SOFIA MATOS /
DEPARTAMENTO TÉCNICO: COORDENADOR MÁRIO CAETANO / CHEFE DE MANUTENÇÃO PAULO SANTANA / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO LUIS TEIXEIRA / VÍTOR HORTA / CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / ADJUNTO DA COORDENAÇÃO TÉCNICA
PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUÍS SANTOS / RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS CÂNDIDO DOS SANTOS / RUI CROÇA / JOSÉ CARLOS ALVES / MÁRIO SILVA / CESAR NUNES / RICARDO MELO / HUGO CAMPOS / DANIEL ROSA / BRUNO
SILVA / CARLOS LA RUA / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS PAULO CACHEIRO / EDUARDO NASCIMENTO / NUNO RAMOS / ANDRÉ CAVALHEIRO / JOÃO
MONEIRA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO TÉCNICO YOLANDA SEARA

DIREÇÃO DE MARKETING E DESENVOLVIMENTO DIRETORA MADALENA REIS / ASSISTENTE DE DIREÇÃO MANUELA ALVES / SECRETARIADO VERA RIBEIRO / COMUNICAÇÃO | COORDENADORA SOFIA MANTUA / PLATAFORMAS DIGITAIS SANDRA
GREGO / ASSESSORIA DE IMPRENSA SOFIA CARDINI / EDIÇÃO DE CONTEÚDOS E REDES SOCIAIS SANDRA ALMEIDA / CONTEÚDOS DIGITAIS FLÁVIO FERREIRA / EDIÇÕES JOÃO MOCO / GABINETE GRÁFICO SUPERVISOR PAULA CARDOZO / PAULO FERNANDES /
MARISA LOURENÇO / PRODUÇÃO GRÁFICA SANDRA SÁLGUEIRO / RELAÇÃO COM PÚBLICOS COORDENADORA ISABEL ROQUETTE / RELAÇÕES PÚBLICAS INÊS MAIA / GESTÃO DE BASE DE DADOS E CARTÃO AMIGO VERA MESTRINHO

APOIO INSTITUCIONAL



PARCERIA INSTITUCIONAL



COPRODUÇÃO



PARCEIRO MEDIA TEMPORADA 2018/2019



APOIO MEDIA



APOIO AO GUARDA-ROUPA E CEDÊNCIA DE MATERIAL



APOIOS



Programa

Johann Sebastian Bach (1685-1750) Paixão segundo São Mateus, BWV 244

O escândalo do olhar

Piersandra Di Matteo

«De tudo o que faz parte das premissas da Paixão segundo São Mateus, nada é mais inacessível e difícil de aceitar, pela pobreza de fé dos contemporâneos, do que a ideia de um Deus que deve ser injuriado [...]. Se o interesse pela Paixão não quiser naufragar nesta dificuldade, a intenção de cada tentativa deve ser colocar o seu ainda possível ouvinte dentro do seu horizonte de receção.»

Hans Blumenberg

O teatro de Romeo Castellucci não cessa de fazer aflorar imagens inexoráveis, físicas, percorridas por intensidades universais que interpelam o ato de olhar. São imagens que nos envolvem, que querem ser vistas. O seu poder de atração é ambivalente, provoca turbamento e participação. Os seus dispositivos cénicos são capazes de preparar algo inesperado, algo que coincide com um abanão essencial, aquele que experimentamos quando nos sentimos expostos, observados no osso da nossa existência, quase como se estivéssemos nós, espectadores, no centro da cena. É exatamente isso que acontece quando o incidente voluntário de ser espectador se inverte na incidência da visão, onde ganha corpo algo que nos olha e nos diz respeito. Porque olhar significa ser visto pela imagem.

Ao abordar a *Paixão segundo São Mateus* de Johann Sebastian Bach, Romeo Castellucci abandona todo e qualquer fascínio mimético ou tentação ilustrativa em busca de um novo sentido de revelação. Dá vida a uma versão cénica do Oratório – que, como é sabido, se alimenta genealogicamente dos dramas sacros da Idade Média e das representações sacras – sem se empenhar em duplicar ou simular os diversos quadros do relato evangélico. Aquilo de que se faz experiência aqui é o ponto de vista do espectador, que é arrastado, quase literalmente, para dentro da narração.

Castellucci entende a *Paixão* como um gigantesco laboratório, um laboratório espiritual no qual se assiste a diversas transmutações do corpo de Cristo: a Eucaristia, o medo e a sensação de abandono completamente humana de Jesus no Getsémani, as lágrimas de sangue, o sacrifício final da cruz onde se consuma o desastre da criação. Se o corpo de Jesus é o *leitmotiv* deste teatro da morte, o corpo do espectador é a mesa do laboratório onde podem ocorrer as transformações.

O Evangelho traz a narração conhecida, ao passo que as árias com os textos de Picander trazem o escândalo que reveste o «Filho do Homem». Nas palavras poéticas, impregnadas de medo existencial e sentido de vergonha, espelha-se o diálogo interiorizado do espetador com Cristo, a ovelha silenciosa levada ao matadouro. É um diálogo íntimo, lírico, construído com uma linguagem amorosa. Ali se consuma o contacto entre sofrimento e sofrimento, porque a dor de Jesus, porção de mundo tocada pela perfeição – no seu paroxismo –, remete para a vulnerabilidade constitutiva dos seres humanos, na encruzilhada entre biologia e sentido.

Castellucci dota a aparição de uma série de elementos, um após o outro, em sucessão, como as estações da *Paixão*. Aparecem objetos de todos os dias, coisas grandes, pequenas, pessoas, matérias, reações químicas. Estão presentes em termos de propriedade, forma, dimensões, peso, cheiro. Cada um, na sua nua objetividade, é dotado de uma história escondida, de um carácter emblemático e problemático que se inflama de uma ulterior trama dramaturgica graças a um libreto entregue a cada espectador. Iluminadas pela música e pelo texto (e vice-versa), estas presenças revelam-se como *objetos escandalosos* pela contemplação, se atribuirmos à palavra o seu sentido etimológico de *skandalon*, que em grego significa estorvo, um obstáculo no caminho. É isto que acontece quando se impõe uma forma de detenção, de suspensão temporária da consciência. É o momento em que nos descobrimos capturados num escutar profundo, tocados e literalmente escandalizados, porque responsáveis pelo nosso ato de olhar, inesperadamente conscientes de que este ato fala de nós, verdadeiro e derradeiro objeto da *Paixão*.

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Eisenach, 21 de março de 1685

Leipzig, 28 de julho de 1750

Paixão segundo São Mateus, BWV 244

Composição: 1726, rev. 1736

Estreia: Leipzig, 11 de abril de 1727

Durante séculos vigorou no seio da Igreja Luterana a norma do *tempus clausum*, a proibição de música instrumental durante o Advento e a Quaresma. Esta prescrição era seguida pela cidade de Leipzig, abrindo-se, contudo, uma exceção: a narrativa da *Paixão de Cristo*, durante o Serviço de Vésperas de Sexta-Feira Santa.

Foi para este momento específico do ano litúrgico que Johann Sebastian Bach, na qualidade de *Kantor* da igreja de São Tomé de Leipzig, escreveu a *Passio Domini nostri J.C. secundum Evangelistam Matthaeum* [*Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o Evangelista Mateus*].

Bach devotou particular cuidado na sua composição e maior cuidado, ainda, na elaboração de um manuscrito definitivo, correspondente às sucessivas alterações que foi introduzindo, desde a primeira audição, a 11 de abril de 1727, até à versão *final*, hoje em concerto, estreada a 30 de março de 1736. Na senda do que fizera na *Paixão segundo São João* (1724), Bach seguiu o cânone deste tipo de narrativas, o texto do evangelista é intercalado por comentários e reflexões poéticas, que assumem a forma de recitativos, árias e corais, traço particular da tradição musical luterana, com raízes na oratória italiana e na sua congénere germânica, as *historiae*.

Mas esta narrativa enquadrada vai muito para além da prática corrente, os *sermões em música*, como são genericamente conhecidos. Valendo-se de um extraordinário libreto escrito por Picander, pseudónimo de Christian Friedrich Henrici (1700-1764), que por sua vez se baseou nos sermões do teólogo Heinrich Müller (1631-1675), Bach construiu uma obra musical impressionante, quer pela sua duração quer pela estrutura complexa e heterogénea, rica em detalhes musicais e expressivos.

Desde logo, a *Paixão segundo São Mateus* tem uma tripla dimensão litúrgico-dramática. A narrativa das últimas horas de Cristo, seguindo os capítulos 26 e 27 do Evangelho de São Mateus, corre, paralela, à resposta do crente perante este drama, os comentários de Picander, sempre na primeira pessoa (culpa «*Buß und Reu*», revolta «*Sind Blitze*», compaixão por Jesus «*Können Trännen*», o desejo de o salvar «*Komm, süßes Kreuz*»). Verdadeiro ato de contrição, «*Erbarme dich*», com o seu pungente solo de violino, a inquietante «*Aus libe will*» ou a esperançosa «*Mache dich*» são um convite direto a cada um dos ouvintes para se envolver no drama, lidando, a nível introspetivo, com as palavras cantadas.

A terceira dimensão é a comunitária. Os corais surgem ao longo da *Paixão* como resposta da assembleia aos eventos narrados e, musicalmente, como pontos unificadores de toda a obra. Os corais «*Herzliebster Jesu*» e «*O Haupt voll Blut*» desempenham um papel fundamental neste contexto. O primeiro é ouvido três vezes, e está associado à inocência de Jesus e à sua morte como condição essencial para a salvação das almas. O segundo é ouvido cinco vezes, numa gradação harmónica dramática que termina com a invocação de Cristo na hora da morte de cada um de nós «*Wenn ich einmal*».

Ainda neste contexto, os coros «*Kommt, ihr Töchter*» e «*O Mensch, beweine*», na abertura e conclusão da Parte I, e o derradeiro «*Wir setzen uns*», no final da Parte II, assumem-se como três lamentos universais que englobam as três dimensões desta *Paixão*, a bíblica, a pessoal e a comunitária.

O discurso musical do Evangelista é declamado, salvo momentos de maior tensão dramática, como o arrependimento de Pedro «*Und ging heraus*», em que ganha uma dimensão rítmica e harmónica de grande expressividade emocional.

O mesmo se aplica aos *soliloquentes*, os apóstolos Judas e Pedro, o Sumo-Sacerdote Caifás, as duas testemunhas chamadas ao Sinédrio para prestar falsas declarações, os Sumo-Sacerdotes do Templo, duas criadas de Caifás que acusam Pedro, o governador Pilatos e a sua mulher.

O extremo cuidado de Bach com as palavras de Cristo é apenas perceptível numa leitura atenta da partitura. Ainda que musicalmente próximas das do Evangelista, são acompanhadas pela secção de cordas da orquestra I, um halo musical que diferencia as intervenções de Cristo dos restantes personagens. O sentido apurado de dramaticidade de Bach revela-se no momento em que profere as suas últimas palavras «*Eli, Eli*». O momento derradeiro de Jesus, abandonado por Deus, surge também abandonado pelo halo musical. É extraordinário constatar que esta passagem tem 22 notas, alusão ao salmo 22 «*Meu Deus, porque me abandonaste*», assim como o momento simbólico da instituição da Eucaristia na Última Ceia, os ariosos «*Nehmet, esset*» e «*Trinket alle daraus*» têm, respetivamente, 34 e 116 notas na linha do contínuo, referência direta aos salmos 34 «*Provai e vede*» e 116 «*Receberei o Cálice*».

O coro assume diversas formas e papéis. Na narrativa de São Mateus, incorpora os discípulos, no inquisitivo «*Herr, bin ichs*», da multidão irada «*Laß ihn kreuzigen*», repetido um tom acima para ilustrar as palavras do Evangelista «*Mas eles gritaram mais*», ou os presentes no Calvário reconhecendo a verdadeira dimensão de Cristo, no indiscriminável «*Wahrlich*».

A orquestra desempenha um papel pictórico notável, muito para além do enquadramento harmónico do que é cantado. Seguindo a tradição barroca das metáforas musicais, Bach recorre à orquestra para ilustrar a dor de um coração angustiado «*O Schmerz*», o fogo do Inferno «*Eröffne den feurigen*», a flagelação de Cristo «*Erbarm es Gott*» ou o tremor de terra que se seguiu à morte de Cristo «*Und siehe da*».

Despida da sua função litúrgica, é hoje difícil compreender a real dimensão desta *Paixão*. Já não surge inserida num longuíssimo serviço religioso, dividida em duas partes, de entremeio com o Sermão, antecedida e procedida por prelúdios de órgão e corais, entoados pelos fiéis presentes, até ao facto de os músicos envolvidos não estarem totalmente no campo visual da comunidade em oração, separados em duas galerias opostas, acentuando a textura antifonal. Contudo, a *Paixão segundo São Mateus* mantém o seu incomparável alcance poético-musical intacto, e a sua estranha habilidade para, ainda no presente, agitar a alma.

Biografias



© LUCCA DEL PIA

ROMEO CASTELLUCCI ENCENADOR

Romeo Castellucci nasceu em Cesena (Itália) em 1960. Estudou Pintura e Cenografia na Accademia delle Belle Arti, em Bolonha. Em 1981, fundou, juntamente com Claudia Castellucci e Chiara Guidi, a Societas Raffaello Sanzio. Já dirigiu inúmeras produções, das quais é o autor, o encenador, o cenógrafo, o *designer* de luz e o figurinista. Conhecido como um autor de teatro com uma visão sobre todas as artes, também escreve vários ensaios teóricos sobre encenação com base na experiência do seu próprio teatro. O seu trabalho sugere escolhas dramáticas, sem dar primazia à literatura, mas tornando o teatro uma arte plástica, complexa e cheia de visões. Desde 2011 que trabalhou na criação de projetos individuais, independente da Societas Raffaello Sanzio. As suas produções são regularmente apresentadas e produzidas pelos mais prestigiosos teatros, óperas e festivais internacionais. As suas últimas criações incluem, entre outras, *Sul concetto di volto nel figlio di Dio* (com a Societas Raffaello Sanzio, 2011), *Parsifal* de Richard Wagner (2011), *The Four Seasons Restaurant* (com a Societas Raffaello Sanzio, 2012), *Hyperion* de Friedrich Hölderlin (2013), *Orfeo ed Euridice* de Christoph Willibald Gluck (2014), *Neither* de Morton Feldman (2014), *Le Sacre du Printemps* de Igor Stravinsky (2014), na Ópera da Bastilha, *Moses und Aron* de Arnold Schönberg (2015), no Teatro Real em Madrid (2016), *Jeanne Au Bûcher* (2017) de Arthur Honegger, na Ópera de Lyon, *Tannhäuser* (2017), na Bayerische Staatsoper, e *Das Floss der Medusa* de HW Henze (2018, Ópera Nacional Holandesa). Para o Salzburger Festspiele 2018, encenou a ópera *Salomé*, de Strauss, na Felsenreitschule, e em setembro de 2018 esteve no Théâtre de La Monnaie, em Bruxelas, para criar a nova produção de *Die Zauberflöte*. Em 2005, Romeo Castellucci foi nomeado diretor da secção de teatro da Bienal de Veneza. Em 2008, foi nomeado Artista Associado pela direção

artística do Festival d'Avignon para a sua 62.ª edição. Recebeu vários prémios e homenagens. Em 1996, recebeu o Prix Europa Nuova Realtà Teatrale. Em 2002, foi condecorado Chevalier des Arts et des Lettres pelo Ministro da Cultura da República Francesa. Em 2013, a Bienal de Veneza distinguiu-o com o Leão de Ouro por toda a sua carreira. Em 2014, o Alma Mater Studiorum da Universidade de Bolonha agraciou-o com o título de Doutor Honoris Causa nas disciplinas de Música e Teatro. Em 2014, a revista *Opernwelt* nomeou-o como Melhor Encenador de Ópera e, em 2017, venceu o prémio de Melhor Produção com o espetáculo *Jeanne Au Bûcher*.



© SILVIA BOSCHERO

SILVIA COSTA ENCENADORA

Silvia Costa é encenadora e *performer*, natural de Treviso, Itália. Desde que se formou em Artes Visuais e Teatro na Universidade IUAV, em Veneza, em 2006, que tem criado uma obra teatral visual e poética nutrida por uma profunda reflexão sobre as imagens. Alternando funções como escritora, encenadora, intérprete e cenógrafa, esta artista multifacetada cruza diferentes campos estéticos numa exploração pessoal do teatro. Criou várias *performances* (*La quiescenza del seme*, *A sangue freddo*, *Alla Traccia*, *Midnight Snack*), espetáculos de teatro (*Figure*, *Stato di Grazia*, *Quello che di più grande o'uomo ha realizzato sulla terra*), instalações e trabalho de vídeo (*Musica da Camera*, *Tabula*, *Emotional Intelligence*, *Descrizione di un quadro*). Desde 2012 que criou *performances* e instalações para crianças (*La dimora del lampo*, no Uovokids Milano; *Cuore*, no Teatro Grande di Brescia; *Poil de Carotte*, no Theatre Nanterre-Amandiers e no Festival d'Automne em Paris) e, desde 2006, tem colaborado regularmente e participado como intérprete nas produções teatrais e operáticas dirigidas por Romeo Castellucci (*Hey Girl!* no papel principal, 2006; *Vexilla regis prodeunt Inferni*, 2008; *Inferno*, 2009; *Sul concetto di volto nel figlio di Dio*, 2010; *Il velo nero del pastore*, 2011; *Parsifal*, R. Wagner, no teatro La Monnaie, em Bruxelas, 2011; *Folk*, no festival Ruhrtriennale, 2012; *The Four Seasons Restaurant*,

2013; *Hyperion. Lettere di un terrorista*, no teatro Schaubühne, em Berlim, 2013; *Orfeo e Euridice*, C. W. Gluck, no festival Wiener Festwochen, 2014; *Neither*, M. Feldman, no Ruhrtriennale, 2014; *Le Sacre du Printemps*, no Ruhrtriennale, 2014; *Oedipus der Tyrann*, no Schaubühne, em Berlim, 2015; *Le Metope del Partenone*, na Basileia, 2015; *Moses und Aron*, na Ópera da Bastilha, 2015; *Jeanne au bucher*, na Ópera de Lyon, 2017; *Tannhäuser*, na Bayerische Staatsoper, em Munique, 2017; *Das floss der Medusa*, na Ópera Nacional Holandesa, em Amesterdão, 2018; *Salomé*, Richard Strauss, no Salzburg Festival 2018; *Die Zauberflöte*, Mozart, no La Monnaie, em Bruxelas, 2018; *Il Primo Omicidio*, na Ópera Garnier, Paris, 2019). A sua última criação, *Nel Paese dell'inverno*, inspirada no livro *Dialoghi con Leucò*, de Cesare Pavese, estreou internacionalmente no Festival d'Automne 2018, em Paris. Em 2017-19 foi Artista Associada do Teatro dell'Arte/Triennale Milano e em 2019 do Le Quai d'Angers CND. As suas criações são regularmente apresentadas nos principais festivais italianos e internacionais.



PIERSANDRA DI MATTEO DRAMATURGA

Teórica de artes performativas, dramaturga e curadora. Os seus interesses teóricos vão do teatro pós-dramático às práticas de curadoria e da linguística à filosofia contemporânea. Como resultado da sua pesquisa académica nas artes performativas contemporâneas, foi convidada a realizar conferências e seminários em centros de pesquisa e universidades internacionais (Hong Kong, Roma, Xangai, Londres, Singapura, Montreal, Amesterdão, Nova Iorque, Filadélfia, Veneza), e recentemente foi convidada para professora visitante no Martin E. Segal Theatre Center da City University of New York. Os seus ensaios foram publicados em revistas internacionais, catálogos de arte, coleções de ensaios e projetos de multimédia. Há mais de dez anos que é a colaboradora teórica mais próxima de Romeo Castellucci, trabalhando com ele nos principais teatros, museus e festivais internacionais da Europa, entre os quais o Festival d'Avignon, Ruhrtriennale, La

Monnaie, Schaubühne, Wiener Festwochen, Ópera de Paris, Staatsoper Hamburg, Ópera de Lyon, Bayerische Staatsoper, Ópera Nacional Holandesa, Salzburger Festspiele e Bozar. Também desenvolveu projetos em colaboração com festivais, teatros, galerias e revistas de arte, e acompanhou vários artistas e intérpretes como consultora teórica. Atualmente, é curadora da Atlas of Transitions Biennale (Bolonha 2018-2020).



CORO GULBENKIAN

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo *a cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de BadenBaden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz WelserMöst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio

Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNACMusic e AriaMusic, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

ORQUESTRA GULBENKIAN

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de

grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.



MICHEL CORBOZ MAESTRO

A entrada de Michel Corboz no universo da música encontra-se profundamente ligada ao seu fascínio pela voz e pelas obras escritas no domínio da música vocal. Consequentemente, ao longo da sua longa e brilhante carreira, dirigiu as grandes oratórias, bem com outras obras que incluem coro, solistas e orquestra, nas principais salas de concertos e festivais a nível mundial. Depois de fundar o Ensemble Vocal de Lausanne, em 1961, as inúmeras distinções concedidas e o acolhimento entusiasta da imprensa às suas gravações das *Vésperas* e de *L'Orfeo* de Monteverdi (1965 e 1966) marcaram o início de uma longa carreira que evoluiu naturalmente, sem ambições particulares, enriquecendo-se todos os anos com uma nova obra. Em 1969, Michel Corboz foi nomeado Maestro Titular do Coro Gulbenkian, cargo que vem exercendo com incedível competência desde então. À frente do Coro Gulbenkian, realizou um grande número de concertos e gravações, tendo assim colocado em destaque as qualidades fundamentais do agrupamento e contribuído decisivamente para a sua projeção nacional e internacional. A discografia de Michel Corboz conta com mais de cem títulos, muitos deles distinguidos com prémios internacionais do disco. Neste domínio, salientam-se as grandes obras sacras de J. S. Bach e de Mozart, *Selva morale* de Monteverdi, as oratórias de Mendelssohn e os *Requiem* de Brahms, Fauré, Duruflé e Verdi. Na Ópera de Lyon recriou *Ercole amante* de Cavalli, obra composta para o casamento de Luís XIV, bem como *David et Jonathas* de Charpentier. No domínio da ópera, dirigiu *L'Incoronazione di Poppea*, *Il ritorno d'Ulisse in patria* e ainda *L'Orfeo* de Monteverdi. Em dezembro de 1999, Michel Corboz foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique.



© CRISTÓVÃO

ANA QUINTANS SOPRANO

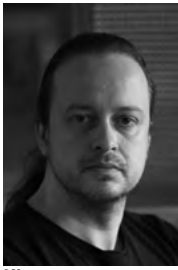
Ana Quintans é licenciada em Escultura e estudou Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, em Lisboa, e no Flanders Operastudio, em Gent, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Iniciou-se profissionalmente em 2005 com a música de Monteverdi, tendo vindo a dedicar a maior parte do seu trabalho à música dos sécs. XVII e XVIII, em colaboração com maestros como W. Christie, M. Minkowski, R. Pichon, A. Curtis, V. Dumestre, A. Florio, M. Magalhães, L. Cummings, L. G. Alarcón, E. Onofri, ou I. Bolton. Destacam-se apresentações em prestigiados palcos nacionais e internacionais: Ópera Comique, Théâtre des Champs-Élysées, Festival d'Aix-en-Provence, Festival de Glyndebourne, Concertgebouw de Amsterdão, Ópera de Lyon, Ópera de Rouen, Bayerische Staatsoper (Munique), Teatro Nacional de São Carlos, Alten Oper Frankfurt, Teatro Real de Madrid, Scottish Opera, Victoria Hall (Genebra); Bozar (Bruxelas), Fundação Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Casa da Música, Carnegie Hall (Nova Iorque), La Folle Journée (Japão); Helsinki Music Centre, Maggio Musicale (Florença), Festival de Viena, Festival de Edimburgo e Mozarteum de Salzburgo. Participou em várias gravações discográficas, incluindo: árias de Albinoni, com Marcello Di Lisa e a orquestra Concerto de' Cavalieri; *La Spinalba*, *Il Trionfo d'Amore* (F. A. de Almeida) e *As Sementes do fado*, com Os Músicos do Tejo; *Round Time*, de Luís Tinoco, com D. A. Miller e a Orquestra Gulbenkian; *Requiem* de Fauré, com a Sinfonia Varsovia e Michel Corboz.



© LENA LAHTI

MARIANNE BEATE KIELLAND MEIO-SOPRANO

Marianne Beate Kielland estudou na Academia Norueguesa de Música com Svein Bjørkøy. Posteriormente foi também aluna de Oren Brown e Barbara Bonney. Iniciou a sua carreira internacional na Staatsoper Hannover e, ao longo das duas últimas décadas, afirmou-se como uma das mais empolgantes cantoras escandinavas, tendo realizado mais de 40 gravações. Em 2012 foi nomeada para os Grammy, na categoria de Melhor Álbum Vocal Clássico, pela interpretação de *Veslemøy Synsk* de Olav Anton Thommessen. As suas apresentações incluem muitos dos principais palcos da Europa, da América do Norte e do Japão. Colabora regularmente com grandes orquestras e importantes agrupamentos de música antiga, sob a direção de maestros como Philippe Herreweghe, Fabio Biondi, Jordi Savall, Rinaldo Alessandrini, Christophe Rousset, Marc Minkowski, Masaaki Suzuki, Thomas Søndergård, Thomas Dausgaard, Jos van Immerseel, Manfred Honeck, Daniel Reuss, ou Christian Eggen. O seu repertório de concerto é vasto, estendendo-se do século XVII até à música contemporânea. Marianne Beate Kielland é também muito solicitada para interpretar papéis de ópera barroca, entre os quais: Merope, em *L'oracolo in Messenia* de Vivaldi (numa extensa digressão com a orquestra Europa Galante); Mensageira e Proserpina, em *L'Orfeo* de Monteverdi; Fernando, em *La fede nei tradimenti* de A. Ariosti; Apollo, em *Terpsichore* de Händel; Ercole, em *Il più bel nome* de Caldara; ou Aronn, em *Il Faraone Sommerso* de Francesco Fago.



© DR

MARCO ALVES DOS SANTOS TENOR

Marco Alves dos Santos nasceu em Lisboa. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, licenciou-se em canto pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Apresentou-se como solista em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha, tendo interpretado vários papéis de ópera e opereta: Tamino (*A flauta mágica*); Mr. Owen (*Postcard from Morocco* de D. Argento); Gastone (*La traviata*); Tristan (*Le Vin herbé* de F. Martin); Leandro (*La Spinalba* de F. A. de Almeida); Orphée (*La descente d'Orphée aux enfers* de Charpentier); Ernesto (*Don Pasquale*); Anthony (*Sweeney Todd*); Nathanael (*Les contes d'Hoffmann*); Duque de Mântua (*Rigoletto*); Prunier (*La rondine*); Kornelis (*La princesse jaune* de Saint-Saëns); Pierre (*The Wandering Scholar* de G. Holst); ou Ferrando (*Così fan tutte*). Em 2015/16 interpretou os papéis de Oddio (*Armida* de Mysliveček), Malcolm (*Macbeth*), Yamadori (*Madama Butterfly*), D. Sancho (*O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis* de Ruy Coelho), Conde Barigoulle (*Cendrillon* de P. Viardot), Conde Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Berger (*Oedipus Rex*), bem como o Evangelista nas *Oratórias de Natal, de Páscoa e da Ascensão*, de J. S. Bach, com a Orquestra Metropolitana, e tenor solista no *Te Deum* de Charpentier, com a Orquestra Gulbenkian. No âmbito do repertório sinfónico destacam-se ainda concertos com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Remix Ensemble, as Orquestras do Algarve, das Beiras, Clássica de Espinho e do Norte, a Sinfónica Juvenil, o Divino Sospiro e o Ensemble MPMP.



© ANDREAS LABES

BENEDIKT KRISTJÁNSSON TENOR

Benedikt Kristjánsson nasceu em Húsavík, na Islândia. Iniciou as suas aulas de canto aos 16 anos na Söngskóli Reykjavíkur (Academia de Canto e Artes Vocais de Reiquiavique), na Islândia, onde foi ensinado pela sua mãe, Margret Bóasdóttir. Formou-se no Conservatório de Música de Reiquiavique em 2007. Estudou com o professor Scot Weir no conservatório Hochschule für Musik Hanns Eisler de Berlim e formou-se com distinção. Também participou em *masterclasses* de Christa Ludwig, Peter Schreier, Elly Ameling, Robert Holl, Thomas Quasthoff, Andreas Schmidt e Helmut Deutsch. Em 2011, Benedikt venceu o 1.º Prémio do concurso Internationaler Gesangswettbewerb cantateBach!, em Greifswald. Além disso, também recebeu o Prémio do Público em Greifswald. Em 2012, foi o vencedor do Prémio do Público no concurso Internationale Johann-Sebastian-Bach-Wettbewerb, em Leipzig. Como cantor, já se apresentou em muitas das mais célebres salas de concerto da Europa e dos EUA, como Konzerthaus Wien, Berlin Philharmonie, Chapelle Royal em Versalhes, Walt Disney Concert Hall em Los Angeles e Concertgebouw em Amesterdão, com orquestras como Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, Gaechinger Cantorey, Hofkapelle München, Holland Baroque, Dresdner Barockorchester, Nederlandse Bachvereniging, Akademie für Alte Musik Berlin e Freiburger Barockorchester. Trabalhou com maestros como Reinhard Goebel, Reinbert de Leeuw, Václav Luks, Andreas Spering, Christoph Spering, Jos van Veldhoven e Hans-Christoph Rademann. Benedikt também já interpretou ópera no Theatre Kiel, no Staatstheater Braunschweig e no Staatsoper Berlin, cantando repertório barroco e moderno. Cantou em festivais conhecidos, como o Musikfest Stuttgart, o Händel-Festival Halle e o Festival Oude Muziek em Utrecht. Participou em diversos recitais de *lied*, tendo cantado *Die schöne Müllerin* de Franz Schubert e *Dichterliebe* de Robert Schumann. O seu CD de estreia, com músicas de Schubert e canções tradicionais islandesas, será lançado no verão de 2019 pela editora GENUIN.



© DR

ANDRÉ BALEIRO BAIXO

André Baleiro iniciou a sua formação musical e vocal aos dez anos de idade no Instituto Gregoriano de Lisboa. Após frequentar o Curso de Direção Coral e Formação Musical na Escola Superior de Música de Lisboa, deslocou-se para Berlim para estudar Canto na Universidade das Artes, com Siegfried Lorenz, Axel Bauni e Eric Schneider. Em 2016 ganhou o Concurso Internacional Robert Schumann, em Zwickau, na Alemanha – um dos mais prestigiados concursos na área do *Lied* –, bem como o Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa, em Lisboa. André Baleiro colabora regularmente com a Ópera de Câmara de Munique, onde se estreou em 2016 no papel de Figaro (*O barbeiro de Sevilha*) e em 2014 se apresentou no papel principal da nova produção *Kaspar Hauser* (música de F. Schubert e libreto de D. Wilgenbus). Outros papéis de destaque incluem: Don Parmenione (*L'occasione fa il ladro* de Rossini) no Teatro Pérez Galdós, em Las Palmas; Conte Belfiore (*Fra due litigante* de G. Sarti) e Capitaine (*Les trois Souhais* de B. Martinu) no Uni.T (UdK Berlin); o papel principal em *Ainda não vi-te as mãos* (2011) de Ayres d'Abreu, no Teatro Municipal de Santarém; Caporale (*Il cappello di paglia di Firenze* de Nino Rota) e Pantalone (*Turandot* de Busoni) no Teatro Nacional de São Carlos. Da sua atividade de concerto destacam-se a *Paixão segundo São Mateus*, de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian, a cantata *Dona nobis pacem*, de Vaughan Williams, no Teatro Nacional de São Carlos, *Um Requiem Alemão*, de Brahms, na Salle Métropole de Lausanne, e o *Requiem* de Fauré, no festival La Folle Journée, em Nantes e em Tóquio. Apresenta-se regularmente em recital na Alemanha e em Portugal com diversos pianistas, de entre os quais se destacam João Paulo Santos e David Santos pela longa colaboração. Em 2015, no Piano Salon Christophori, em Berlim, interpretou o *Italianisches Liederbuch* de Hugo Wolf, acompanhado pelo pianista Eric Schneider. Foi bolseiro da Fundação Walter & Charlotte Hamel em Hannover e da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.



© JULIEN BENHAMOU

EDWIN CROSSLEY-MERCER BAIXO-BARÍTONO

Desde o início da sua carreira, o baixo-barítono Edwin Crossley-Mercer provou ser um grande talento entre a crescente geração de cantores franceses e continua a deixar a sua marca, atuando nos palcos internacionais de maior prestígio. Depois de estudar em Versalhes e Berlim, estreou-se na ópera em *Don Giovanni*, de Mozart, em Berlim, em 2006, interpretando o papel homónimo em 2013, em Dijon. Em 2009, cantou em *Così fan tutte* no Festival d'Aix-en-Provence como Guglielmo, enquanto em 2010 estreou-se na Ópera da Bastilha como Harlekin em *Ariadne auf Naxos*, papel que voltou a interpretar em 2015. Também participou na ópera *La Juive* em Amesterdão como Albert, em *Amadis* na Ópera de Avignon (Florestan), em *La Cenerentola* na Opéra National du Rhin (Dandini), em *Hippolyte et Aricie* no Festival de Beaune e na Ópera Real de Versalhes (Thésée), e no Théâtre des Champs-Élysées em *Castor et Pollux* (Pollux). Nas óperas de Berlim, cantou em *La Bohème* (Schaunard), *Der Freischütz* e *Doktor Faustus* sob direção de Daniel Barenboim. Edwin estreou-se nos EUA, em 2012, como Figaro com a Filarmónica de Los Angeles sob direção de Gustavo Dudamel. Também interpretou Júpiter em *Platée*, no Lincoln Center, no Theater an der Wien, e na Opéra Comique, e interpretou o papel principal na ópera biográfica de Jean-Jacques Rousseau, de Fénelon, em Genebra. O papel de Leporello, em *Don Giovanni*, marcou sua estreia no Reino Unido, no Festival Glyndebourne 2014. No seu regresso à Ópera da Bastilha, estreou-se com grande sucesso como Papageno (*Die Zauberflöte*), antes de atuar com a Orquestra Filarmónica de Berlim em *La Damnation de Faust*, em Baden-Baden. Também se estreou no Japão no festival Saito Kinen como Claudio em *Béatrice et Bénédicte*. Os destaques da temporada 2014-2015 incluíram *Manon* de Massenet no The Dallas Opera (Lescaut), a criação *Mauerschau*, no Bayerische Staatsoper, e *La Damnation de Faust* (Brander), na Ópera de Paris. Como um cantor experiente de recital, apresentou-se

no Dom Musiki de Moscovo, no Carnegie Hall, em Aix-en-Provence, na Ópera de Lille, no Musée d'Orsay (*Die Winterreise*, *Die Schöne Magelone*) e em São Petersburgo, bem como em Bayreuth, no Louvre, em Bad Kissingen e no Festival de Colmar. Destaque para os concertos com a Bayerischer Rundfunkorchester (*Deutsches Requiem*), com a Orquestra Nacional da França (*Requiem* de Fauré), a interpretação de *Messias* de Händel em Viena, *L'Enfance du Christ* com a Scottish Chamber Orchestra e o *Requiem* de Mozart em Perm e Moscovo. Vencedor do prémio da HSBC Foundation em 2007 e do prémio da competição Nadia and Lili Boulanger International Voice-Piano Competition, as suas gravações incluem *Les Motets* de Charpentier, árias e excertos de ópera de Lully, e o ciclo de canções *Carmina Catulli*, composto especialmente para a sua voz por Michael Linton, e lançado pela editora Refinersfire. Também colaborou em gravações de *Amadis* e de *Alceste* (Lully) e de *Hercule Mourant* com o ensemble les Talens Lyriques, sob direção de Christophe Rousset. Edwin também colaborou com muitos outros artistas para o CD *Unknown Music of Nadia Boulanger*, lançado em março de 2017. Regressou em 2017 à Ópera Garnier com *Così Fan Tutte*, além de ter realizado inúmeros concertos e recitais em toda a Europa e nos EUA. Outros projetos incluíram a 9.ª Sinfonia de Beethoven em Belfast, *La Bohème* em Perm, Dortmund e Baden-Baden, *Don Giovanni* em Santiago do Chile, *La Damnation de Faust* em Dresden, Amesterdão, Hamburgo e Malmö e *Orlando Paladino*, de Haydn, em Munique. Na temporada 2018/2019, Edwin regressou ao Theatre an der Wein para a produção de *Guillaume Tell* (no papel de Walter Fürst), interpretou os papéis de Apollon e Adamas em *Les Boreades*, na Ópera de Dijon, juntou-se à Orquestra Nacional de França, sob direção de Emmanuel Krivine, para *L'Enfance du Christ*, e em maio interpreta o papel de Thésée na ópera *Hippolyte et Aricie*, em Zurique. Na próxima temporada, regressa à Ópera da Bastilha para *Les Indes Galantes* (no papel de Osman) sob direção de Leonardo García Alarcón, e com encenação de Clément Cogitore.



© PATRICK CHARBON

MATTHIAS SPAETER ALAUDISTA

Matthias Spaeter nasceu em 1957 em Genebra, onde começou a estudar guitarra aos seis anos de idade. Depois de concluir a sua formação musical, premiada com as mais altas distinções no Conservatório de Música de Friburgo em 1977, iniciou individualmente o estudo de diferentes instrumentos da família do alaúde. Como alaudista e guitarrista, aborda um repertório diversificado que se estende desde o período renascentista até às criações contemporâneas, atuando como solista, em duo com cantores, como membro de diversos agrupamentos ou no âmbito de produções de ópera ou oratória. Com orquestra, apresentou-se como solista na interpretação de obras de Vivaldi, Giuliani, Brouwer, Novak, Henze e Dayer. A sua diversificada atividade, os concertos e as gravações, em disco ou para a rádio, levaram-no a colaborar com maestros de renome como Michel Corboz, Philip Herreweghe, William Christie, Nikolaus Harnoncourt, Jordi Savall, René Clemencic, Jean-Claude Malgoire, Chiara Banchini e Tom Koopman, entre outros, apresentando-se com regularidade em muitos países. Durante mais de trinta anos, foi professor de guitarra na classe profissional do Conservatório de Música de Friburgo.



MARCELO GIANNINI ORGANISTA

Marcelo Giannini nasceu em São Paulo, cidade onde começou a estudar órgão com Angelo Camin e cravo com Helena Jank. Estudou posteriormente em Munique, com Karl Richter, no Mozarteum de Salzburgo e no Conservatório de Genebra, tendo recebido o *Premier Prix de Virtuosité* na classe de órgão e improvisação de Lionel Rogg. Apresenta-se regularmente em recital na Europa e no Brasil, abordando repertório que se estende do século XVI aos nossos dias, com especial destaque para as obras para tecla de J. S. Bach. Como organista e cravista, colabora com orquestras como a Orchestre de la Suisse Romande, a Orchestre de Chambre de Genève, a Orquestra Gulbenkian ou a Sinfonia Varsóvia e sobretudo com o Ensemble Vocal de Lausanne e o Coro Gulbenkian, sob a direção de Michel Corboz, com os quais realizou inúmeros concertos na Europa, no Japão, nos E.U.A. e na Argentina. Foi também maestro de coro em La Chaux-de-Fonds, na Suíça, tendo dirigido importantes obras do repertório coral de Bach, Händel, Mozart, Brahms e Fauré. Interpretou o Concerto para Órgão e Orquestra de F. Poulenc, com a Camerata Fukuda de São Paulo e a Orchestre de Chambre de Genève. Realizou várias gravações como solista, com o Ensemble Vocal de Lausanne e com a Orchestre de la Suisse Romande. Reside em Genebra, onde é professor no Departamento de Música Antiga da Escola Superior de Música e organista titular do Templo de Carouge.

CCB

Cidade Aberta /

SHAKESPEARE

FESTIVAL JOVEM
CONCERTOS
MASTERCLASSES
PROGRAMAÇÃO MAIS NOVOS
MERCADO

DIAS DA
MÚSICA
EM BELÉM

O DOCE
PODER DA
MÚSICA

25\26
27\28
ABRIL\19



PRODUÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PARCERIA INSTITUCIONAL



PARCEIROS MÍDIA



PATROCINADOR



PARTICIPAÇÃO OFICIAL



CCB.PT

AGIÇOS

